
O estado de excepcionalidade: como a literatura registra as articulações entre o simbólico e o real durante tempos de sofrimento

The stage of exceptionality: how the literature records the linkages between the real and the symbolic during the times of suffering

Jair de oliveira¹

Resumo: Nosso trabalho irá focar na análise de como se dão as articulações entre o simbólico e o real em tempos de regimes de exceção ao propor uma leitura do conto “Alguma coisa urgentemente”, de João Gilberto Noll. Analisaremos as formas de percepção da narrativa sobre um estado de acontecimentos latentes e como estas construções simbólicas de mundo faziam correspondências com as formas de vida. Tomaremos como ponto de apoio uma crítica de fundamento esquizoanalítico (esta dinâmica estrutural de leitura é uma crítica e um desdobramento da psicanálise lacaniana). Portanto, tentaremos desvendar as formas simbólicas e suas transfigurações com o real sob o prisma literário. Iremos seguir alguns princípios de leitura em consonância com os fundamentos teóricos de Adorno (1998) e G. Deleuze e F. Guattari (2011a; 2011b), além de princípios analíticos em Franco (2003) acerca da produção literária brasileira durante a ditadura militar.

Palavras-chave: João Gilberto Noll. Violência. Simbólico. Real. Excepcionalidade.

Abstract: Our work consisted to analysis of linkages between the real and the symbolic in the times of authoritarian regimes and we will to propose an interpretation of the short story “Alguma coisa urgentemente”, by João Gilberto Noll. We will to examine ways of perception of the storytelling about the stage of simmering events and how the symbolic constructs of the world will matches with forms of life. We will have the point of support a criticism founded on the eschizoanalysis (this structural dynamic of interpretation is a criticism and unfolding of lacanian’s psychoanalysis). Therefore we will try to discover the symbolic forms and his transfiguration with the real beneath the literary view. We will to follow some basic principles of the interpretation in accord with the Adorno’s theoretical bases (1998) and Deleuze and Guattari (2011a; 2011b) as well as of analytical principles on Franco (2003) about the Brazilian literary production during the military dictatorship.

Keywords: João Gilberto Noll. Violence. Symbolic. Real. Exceptionality

¹ Professor Visitante na Universidade de Pernambuco. E-mail: jairdeoliveira2010@gmail.com

A EXCEPCIONALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA

A literatura abre caminhos para desvendamentos de situações que a cultura e a sociedade tiveram como experiências traumáticas. As noções simbólicas de como vivemos e experimentamos a existência indicam os pontos de intersecção entre o que entendemos como a diferença entre realidade e ficção, entre o simbólico e o real.

Esses princípios de percepção de experiências convergem para um modo de organização, nos quais os sujeitos tentam compartimentar cada equipamento advindo das técnicas de atribuir os contornos sobre aquilo que vivemos. Tais contornos estão sob a ótica de comunidade que compartilha uma cultura.

É nessa linha de reflexão sobre a percepção do equipamento literário, o de constituir no ordenamento impulsivo da linguagem, que iremos incursionar pelas veredas da narrativa ficcional. Além disso, apresentar como os sentidos surgidos dela criam alinhamentos com um passado.

No passado é que se presentifica e ainda pulsa em nossa memória social. E que a história cobra a consciência sobre os entulhos espalhados pelos escombros da memória. É, sobretudo, de um Brasil que teima em ressurgir na sua faceta pretoriana. Um Brasil de instituições que agem por comando para fazer sua máquina de moer subjetividades funcionar.

Nesse artigo iremos propor uma leitura do conto “Alguma coisa urgentemente”, escrito por João Gilberto durante a época mais tardia da ditadura militar brasileira. Concomitantemente, iremos analisar as formas de percepção dessa narrativa literária e como ela interage com seu imediato circundante (qual o segredo que nos revela a escrita acerca de um acontecimento fortuito na vida de alguém sem que o sujeito se dê conta da complexidade institucional pela qual passa o país?).

Além disso, apresentaremos como as construções simbólicas do mundo narrado faziam correspondências com as formas de vida ao redor na era da violência. Tal violência estava institucionalizada na territorialidade das quais modos sociais eram um contínuo de espasmos dominados pela histeria e profantasias. Tanto uma como outra emergiam das práticas massificadas no período de estado de exceção.

Exceção de formas de vida e de seus equipamentos técnicos que não se subordinavam aos ditames e regras impostas (tacitamente ou explicitamente) pelo discurso da classe dominante. Excetuava-se quase tudo que não fosse o lugar-comum delimitado pela ordem do poder ora instituído; menos a violência contra os grupos minoritários ou os seus marginalizados.

Em nosso estudo, além dessa leitura sobre os domínios do simbólico e do real (o que os separa e, paradoxalmente, os interliga), iremos reconstituir o panorama situacional por meio das nervuras do texto. A partir do relevo imediato da escrita literária de um dos nomes de maior ressonância da literatura brasileira, João Gilberto Noll.

Por tratar de temática sensível como é a do conto, interligado a um momento de obscurantismo e de violência entranhada na vida comum, das pessoas comuns, o conjunto de elementos para análise irá dialogar com a forma de composição do registro da história. Esse é um ponto fundamental para entendimento da espécie de análise propositiva desse artigo.

Essa temática será exposta de forma mais específica. Nosso ponto de convergência crítica é de fundo esquizoanalítico (tendo aqui por princípio a necessidade de explicitar que esta dinâmica estrutural de leitura é uma crítica e um desdobramento da psicanálise lacaniana).

Portanto, nossa finalidade está em investigar as formas simbólicas e suas transfigurações com o real sob o prisma literário. Iremos seguir alguns princípios de leitura em consonância com os fundamentos analíticos de Th. Adorno (1998) e G. Deleuze e F. Guattari (2011a; 2011b) e como as contribuições dos seus estudos podem responder ao seguinte questionamento: pode a literatura transgredir sua função de obra de arte e tornar-se uma máquina de reprodução de afetos em condições de fragmentação das subjetividades? Pode a literatura ser a lâmina de corte que traspassa a superfície rígida do corpo subjetivado pela violência institucional?

Ao passo que apresentaremos o conto de João Gilberto Noll a ser analisado, demonstraremos em qual situação a escrita cria linhas de ruptura e de interligação com a formação das subjetividades. Subjetividades em contexto de transformação e formatação dos corpos afetados pelas interferências das posturas do estado de exceção.

Tal estado de exceção ultrapassa as políticas de intervenção nas práticas subjetivas no seio da sociedade. Elas alcançam um outro segmento. Passam a remodelar as experiências e as percepções com o imediato da vida.

É a própria existência tornada matéria manipulável. É a criação de novas sensibilidades que passam a ter os contornos limitados pela máquina de estado, a máquina de guerra², a máquina de produção de subjetividades, a máquina de produzir desejos, a máquina de infringir sofrimento humano. (DELEUZE; GUATTARI, 2011b)

Desse modo, a arte literária perante a vida passa a ter um compromisso. Não que a literatura seja simplesmente engajada e crítica sobre os acontecimentos que se apresentam em nossa sociedade. Esse ramo pertence à política que é uma base para conseguir ler a arte como um procedimento simplesmente embotado de compreensão de mundo.

A arte literária a isso ultrapassa. Seu jogo fundamental pode ser entendido didaticamente a partir do seguinte preceito de Adorno (1998, p. 291):

[...] valia mais desejar que um dia melhor a arte desapareça do que ela esquecer o sofrimento, que é a sua expressão e na qual a forma tem a sua substância. Esse sofrimento é o conteúdo humano, que a servidão falsifica em positividade. Se, conforme ao desejo, a arte futura se tornasse de novo positiva, a suspeita de uma persistência real da negatividade seria aguda; ela é-o constantemente, porque a

2 Aqui, tanto a máquina de estado quanto a máquina de guerra operam num mesmo funcionamento tal qual defendido por Deleuze e Guattari (2011b) em *Mil Platôs*. Contudo, para um entendimento complementar desses conceitos, defendemos que os termos não se aplicam no todo aos acontecimentos durante a ditadura. Para Deleuze e Guattari estado e máquina de guerra são distintos, um se sobrepõe ao segundo pelo funcionamento jurídico, e afirma que a máquina de guerra é precedida pelo estado, sendo a máquina de guerra uma exterioridade. No Brasil, antes, a máquina de guerra não serve ao estado, ele se apropria deste, ou ainda, com ele colabora. O poder da máquina de guerra, e seus componentes hierarquizados, é um poder soberano, seguindo apenas a conveniência de manutenção do estado por dele se imiscuir.

regressão ameaça sem cessar, e a liberdade, que no entanto seria a liberdade a respeito do princípio de propriedade, não pode ser possuída. Mas que seria a arte enquanto historiografia, se ela se desembaraçasse da memória do sofrimento acumulado?

Nesse fragmento Adorno reconhece uma possibilidade latente à arte. Ela não apenas fundamenta o ordenamento do sofrimento humano, enquanto estrutura de segmentos no real, na expressão deste e na substância da arte em si.

A arte condiciona o sofrimento quando este apenas é reconhecido como positividade. Emerge daqui, portanto, o entendimento no qual a literatura, como expressão artística, é a forma negativa da memória que não se enquadra na ordem da máquina que produz subjetividades e seu sofrimento.

A situação na qual a ditadura assume sua força perversa é a de tentar conter os afetos e torná-los percepção. Isto é, o sofrimento, nos estados de exceção, como no Brasil, acontece em profusão. O sofrimento é remodelado pela máquina de guerra do estado para que sirva à percepção subjetiva de que ele é inexistente, ou melhor ainda, uma ficção.

Por isso, pensar a arte, em situação de regimes de exceção, como uma produção de expressão da vida é um movimento de reflexão sobre como a literatura constitui um registro da dinâmica do sofrimento, embotado ou transfigurado na memória:

Os primeiros anos de vida suscitaram em mim o gosto da aventura. O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento. [...] Ele me dizia que o mundo não era só aquelas plantas, era também as pessoas que passavam e as que ficavam e que cada um tem o seu drama. Eu lhe pedia colo. Ele me dava e assobiava uma canção medieval que afirmava ser a sua preferida. No colo dele eu balbuciava uns pensamentos perigosos:

— Quando é que você vai morrer?

— Não vou te deixar sozinho, filho!

Falava-me com o olhar visivelmente emocionado e contava que antes me ensinaria a ler e escrever. Ele fazia questão de esquecer que eu sabia de tudo o que se passava com ele. Pra que ler? — eu lhe perguntava. (NOLL, 2008, s/p)

O conto “Alguma coisa urgentemente”, de João Gilberto Noll, foi publicado no livro “O cego e a dançarina”, em 1980. A narrativa gira em torno da vida de dois personagens: pai e filho. Contudo, o foco narrativo está centralizado nas memórias do filho. Ele desde criança possuía uma relação de profunda ligação com o pai.

Ao longo da narrativa o filho vive momentos turbulentos em sua existência. O filho tem uma ideia apenas de quem é seu pai, por este ser uma figura ao qual desconhece sua totalidade como pessoa.

As mudanças de cidade e de mulher frequentemente são ressaltadas por seu pai. Este tem a impressão de si como um homem modelado em “filósofo sem livros” e que não entendia a sua existência. Tal característica apresentada designa um homem com preocupações submersas e não indicadas diretamente na superfície do conto.

Pai e filho passam a se tornar distantes entre si. Ainda no enredo é ressaltado que o pai fora preso por ter repassado, possivelmente, armas para um grupo. O jovem, então, vai viver em um colégio interno no qual mantinha dificuldades de relacionamento com alguns colegas.

Em certa altura, o pai retorna ao convívio com o filho, já morando no Rio de Janeiro (ambos viviam seus primeiros momentos juntos em Porto Alegre). A vida de ambos passa a ter uma expectativa incerta. Determinadas ações do filho passam sem aparentar surpresa sob os olhares do pai: o uso da bebida alcoólica, a confissão do filho de já ter se prostituído.

Por fim, a imagem do pai deitado com olhos vidrados, sem movimento assustam o filho, que sabia que deveria agir de alguma forma. Mas essa ação cai no fosso da inaptidão para agir. A narrativa apresenta, como pano de fundo, um contexto que transparece um ambiente de desconexão.

É um afastamento do padrão de sociedade da época. É um desvio de vida em relação à máquina de produzir desejos que se transformou a sociedade brasileira no seu período de desmoroamento das profantaisias sociais.

A inquietação do personagem principal é sintoma de um desregramento de um corpo social em decadência. Um filho que se prostitui para conseguir algum dinheiro para sobreviver sem o pai:

[...] o dinheiro tinha acabado e eu estava caminhando pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana tarde da noite, quando notei um grupo de garotões parados na esquina da Barão de Ipanema, encostados num carro e enrolando um baseado. Quando passei, eles me ofereceram. Um tapinha? Eu aceitei. Um deles me disse olha ali, não perde essa, cara! Olhei para onde ele tinha apontado e vi um Mercedes parado na esquina com um homem de uns trinta anos dentro. Vai lá, eles me empurraram. E eu fui. [...] não havia ninguém no morro em que o homem parou. Uma fita tocava acho que uma música clássica e o homem me disse que era de São Paulo. Me ofereceu cigarro, chiclete e começou a tirar a minha roupa. Eu pedi antes o dinheiro. Ele me deu as três notas de cem abertas, novinhas. E eu nu e o homem começando a pegar em mim, me mordida de ficar marca, quase me tira um pedaço da boca. (NOLL, 2008, s/p)

A passagem acima possui um indicativo importante: à mercê de uma existência extremamente incerta, o filho se sujeita às vontades dos desejos alheios, causando impacto na sua subjetividade. Essa experiência do narrador-personagem é contada ao seu pai.

Entretanto, esse relato não causa nenhuma espécie de surpresa. É o incomum transformado em banal, como se um caso inédito na vivência de alguém tomasse a proporção de normalidade. É mais uma incidência da perversão maquínica do estado nas subjetividades.

O estado de exceção funciona no interior das relações humanas assim: o incomum é naturalizado, a exceção passa a ter o signo da indiferença quando se observa a experiência do outro. O estado de exceção é o estado de coisas vividas, e a exceção é tornar as experiências do outro algo sem nenhum valor.

O estado de exceção funciona na narrativa como o excepcional revestido pela indiferença. Todo acontecimento, apesar do ineditismo, torna-se fútil. Pois, aqui a narrativa estipula um mecanismo formal ao qual sugerimos chamá-lo de estado de excepcionalidade³. Ou seja, acontecimentos singulares e impactantes no andamento da narrativa em tempos de sofrimento assumem a tarefa de fazer referências a elementos do simbólico em aproximação com o real.

Tal qual sugere Franco (2003, p. 357) em seu estudo sobre a literatura em época de violência extremada, o estado é o principal agente de violência e que ele se bastava em si. Ao mesmo tempo, ele circulava a própria narrativa dos acontecimentos macabros pelos quais os opositores ao regime militar passavam:

[...] uma das questões que se impõe ao pensamento que, de algum modo ou de outro, tenta se opor à versão oficial dos acontecimentos – ao contexto de ofuscamento que reveste – é a de investigar como a produção cultural – particularmente a literária – configurou essas atrocidades perpetradas à época da ditadura militar no país [...]

Aqui, temos o fio condutor que impulsiona nossa leitura sobre o conto: a de reconhecer na forma literária as condições de vida, o estado em que se encontrava o sujeito brasileiro diante da Ditadura Militar e como a literatura configurava esse estado de excepcionalidade.

Portanto, nos personagens estão categorizados o homem comum (no sentido geral do termo) e neles se inscreve um microcosmos de como a vida comum se desenrolava naquelas condições adversas.

Tomemos o caso de um homem mais velho à procura de relacionamento sexual. No relato da experiência de prostituição do personagem-narrador, o elo que aparece como elemento para satisfação dos desejos do corpo de uma outra pessoa ocorre por meio simbólico: o dinheiro.

Em tempos de sociedade em que o sofrimento é suprimido pela violência, podemos perceber na narrativa do personagem-narrador um “programa”: é o baixo sexual em busca do corpo-matéria que se consegue pelo dinheiro. É o simbólico que intervém e perverte a existência no real.

O homem tenta arrancar do jovem nu a própria materialidade corporal. É devorar o corpo, é o desejo da violência incontido que transparece na ação de tentar arrancar-lhe um

³ Para esse termo e sua validade em nossa análise, devemos explicar que seu uso é um correlativo ao que se conhece por estado de exceção. Como o conto aqui em estudo pertence ao espectro de literatura em época de ditadura, ou seja, um estado de coisas se modifica por meio da ruptura violenta da normalidade. A ditadura pode ser definida como a contiguidade da violência repressora em vias de tornar-se continuidade.

pedaço. Tal é a sanha de violência social, que a máquina do estado e sua violência é transfigurada na própria forma como as relações se constituem no interior da narrativa.

A violência e a subjugação do outro são uma constante em regimes de exceção. E nessa narrativa de Noll o exemplo ganha uma cor opaca, desbotada, de fotografia encardida que reaviva uma época em que a sobredeterminação da vida pela máquina que produz violência tenta fragmentar as subjetividades.

O estado de exceção tem um verdadeiro horror quando o sujeito constitui sua subjetivação e, assim, este encontra na consciência de si aquilo que o mundo apresenta de esmagador de outras possibilidades de vida.

Nesse sentido, o caso de prostituição é uma ressonância da fantasia (esse termo aqui se refere à designação de um traço das interferências das produções subjetivas diante do real). A forma simbólica de entender o mundo por inferências sobredetermina ações no cotidiano do sujeito (DELEUZE; GUATTARI, 2011a).

Ou seja, o desejo encoberto que busca sempre sua realização, a satisfação momentânea atinge as subjetividades: o perverso busca satisfação na transfiguração do simbólico pelo real. A posse do dinheiro-símbolo em busca do corpo-matéria transfigura o real. O desejo em estado de exceção é subjugar o outro, é torná-lo organismo submisso.

Em outro momento da narrativa, o estado de excepcionalidade se apresenta com mais força. O caso da prostituição é a relação entre corpos, de um submetido por outro corpo por meio do dinheiro-símbolo na esfera política do sexo. O acontecimento se passa em um lugar ermo, dentro de um automóvel de propriedade de quem subjuga o outro.

Esse outro momento da narrativa apresenta um aspecto mais social do que o da esfera política do sexo, porque é menos intimista, pois tem mais agentes em ação. Além de ser a manutenção das relações que se estabelecem abertamente, sem o filtro da violência do desejo desnudado pela hipocrisia.

A seguir, temos um acontecimento que demonstra o estado de excepcionalidade com que a narrativa “Alguma coisa urgentemente” tenciona o signo em literal, decompondo os mecanismos da literatura para que ela seja a linha extensiva entre o dito e o sentido em tempos de sofrimento:

No dia em que ele foi preso, eu fui arrastado para fora da loja por uma vizinha de pele muito clara, que me disse que eu ficaria uns dias na casa dela, que o meu pai iria viajar. Não acreditei em nada mas me fiz de crédulo como convinha a uma criança. Pois o que aconteceria se eu lhe dissesse que tudo aquilo era mentira? Como lidar com uma criança que sabe? Puseram-me num colégio interno no interior de São Paulo. O padre-diretor me olhou e afirmou que lá eu seria feliz.

— Eu não gosto daqui.

— Você vai se acostumar e até gostar.

Os colegas me ensinaram a jogar futebol, a me masturbar e a roubar a comida dos padres. Eu ficava de pau duro e mostrava aos colegas. Mostrava as maçãs e

os doces do roubo. Contava do meu pai. Um deles me odiava. O meu pai foi assassinado, me dizia ele com ódio nos olhos. O meu pai era bandido, ele contava espumando o coração. (NOLL, 2008, s/p)

Nesse momento do enredo, o narrador-personagem relata como se deu o primeiro impacto de sua infância, quando seu pai fora preso no interior do Paraná. E, em seguida, a ida do personagem narrador para um internato. A escolha dos elementos para narrar indica os afetos relacionados com os acontecimentos.

Ele foi “arrastado” por uma mulher de “pele muito clara”. Afirma também que em seu íntimo sabia das mentiras que lhe contaram, mas que convinha calar-se, pois era criança. O infantil na narrativa é posto como signo da aceitação resignada. A criança está a par do que se passa. Essa sensibilidade está expressa na narrativa através da técnica de fluxo de consciência.

Aqui é a fantasia tornada matéria por um corpo social para produzir ilusão no outro. O corpo minúsculo da criança não tem escolha, mas sua percepção sobre o mundo já está em adiantada formação. Os aparelhos que determinam a subjetividade do personagem estão dispostos nesses fluxos de sua memória, a fim de delimitar o espaço do simbólico em enfrentamento imediato com o narrado.

Na mesma esfera desse acontecimento ao qual nos reportamos, ainda há o indicativo de uma outra situação ainda mais emergente. Um de seus colegas também conhecia sobre o sumiço de seu pai, das motivações da prisão dele. Algo aqui indica que o colega percebe o problema diante da prisão. O segredo imediato sobre seu pai não possui valor de segredo.

Se o personagem-narrador sabe sobre os fundamentos da prisão de seu pai, os colegas também o sabiam. Sabiam que a prisão de seu pai fora por ele ter repassado armas a um grupo. Tal indicativo demonstra que o problema da prisão acompanha o imediato da época. É uma prisão sem haver demonstrativo do caso: “Eu me calava. Pois se referir ao meu pai presumia um conhecimento que eu não tinha.” (NOLL, 2008, s/p).

Há uma breve confusão na esfera do desenvolvimento da narrativa: entre conhecer a prisão do pai e saber sobre as motivações dela. Ao passo que um colega saber os motivos da prisão do pai do personagem-narrador é transformado em afeto: ódio. A narrativa é declarativa sobre esse afeto.

A expressão do ódio tem um conteúdo animalesco. O ser-do-ódio espuma, a produção de afeto resulta em animalidade, em irracionalidade. Quando o pequeno é arrancado de seu lugar e um colega de seu convívio demonstra afeto animalesco por ele ter um pai preso é uma transfiguração do estado de excepcionalidade: a esfera do íntimo passa a pertencer ao público.

O ato de espumar como um animal é demonstração excessiva do ódio. Os traços tanto de animalidade quanto o sequestro são sintomas do excesso que ganham contornos da percepção de ações banais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa breve incursão que fizemos sobre o conto “Alguma coisa urgentemente”, de João Gilberto Noll, desenvolvemos algumas considerações sobre como a literatura em tempos de sofrimento pode elucidar o funcionamento de aspectos relacionados aos afetos nas sociedades sob estado de exceção.

Propomos o conceito de estado de excepcionalidade para explicar que a literatura possui força de historiografar as experiências subjetivas em regimes de violência. Pois, coloca à mostra as ressignificações subjetivas pelas quais o sujeito toma consciência das experiências inéditas e que são transformadas em banalidades.

Discutimos aqui também como as subjetividades são levadas a um movimento de vivências diferentes, pelos acontecimentos relatados ao longo da narrativa, impulsionados pela força da máquina de guerra que aparelhou o estado.

Ou seja, a máquina de guerra apresenta uma faceta de um sistema, mas distinto do aparelho de estado. Tal faceta passa a controlar este último através da perversão do funcionamento da estrutura de poder em uma territorialidade.

Por fim, salientamos que nessa análise, a narrativa “Alguma coisa urgentemente” e sua expressão apresentam as subjetividades e seus afetos em uma forma constante: a forma da violência. A forma da violência contida na prisão do pai do personagem-narrador.

Também, quando ele foi levado à força para uma escola no interior. Quando seu colega lhe trata com ódio. Quando um homem quase lhe arranca um pedaço da boca no caso da prostituição e seu ineditismo na vida do jovem. Assim como o impacto na formação da sua subjetividade.

Ademais, os acontecimentos narrados e seus momentos mais urgentes aparecem através de um regime tácito e silencioso. Esses recobrem as experiências sensíveis entre as subjetividades envolvidas em cada acontecimento.

As articulações entre o simbólico e o real fazem da literatura em tempos de sofrimento um registro necessário sobre como as sensibilidades lidavam diante de um estado de exceção. É nesse chamado estado de excepcionalidade da literatura que vemos como as experiências subjetivas perdem o seu valor e importância quando estão no interior de regimes autocráticos.

Qualquer regime de violência implementado pelo poder do estado possui um amortecedor da normalidade na própria circulação da comunicação de uma sociedade. Os olhares atônitos do pai do personagem-narrador possuem nessa narrativa esse valor de uma fantasmagoria.

Desse modo, o homem não mais consegue realizar atos que modifiquem uma condição atual: há sempre algo de muito urgente a se fazer. Mas a perplexidade é pervertida em aceitação. A ação sempre será protelada porque as subjetividades já foram tomadas pela máquina de produção de desejo. Assim, o estado ditatorial arregimenta os desejos para manutenção da vida do sujeito durante o regime de exceção no Brasil.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____ *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 2011.

FRANCO, Renato. Literatura e Catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória e literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 355-374.

NOLL, João Gilberto. Alguma coisa urgentemente. In: NOLL, João Gilberto. *O cego e a dançarina*. Rio de Janeiro: Record, 2008. Disponível em: < http://coral.ufsm.br/alternativa/images/Alguma_coisa_urgentemente_Jo%C3%A3o_Gilberto_Noll.pdf > Acesso em 04/11/2019.